

Sequeira, Domingos António de

Lisboa, 1768-Roma, 1837

Domingos António do Espírito Santo adota o apelido do seu padrinho e protector.

Realizou os seus estudos na Aula Pública de Desenho, para onde entrou com dezassete anos, tendo sido seu mestre Joaquim Manuel da Rocha¹.

Luiz Xavier da Costa fixa as datas das suas viagens para Roma, em 1788, 1825 e 1826. Esta última não teve regresso, visto que o seu falecimento ocorre naquela cidade².

Por altura da sua primeira estada em Roma, escolheu para seus mestres Cavalluci e la Picola, recebeu um 1º prémio da Academia e foi eleito, por unanimidade, Académico de Mérito. Entre estas deslocações, efectua também passagens por Paris.

Quando, em 1796, regressa a Portugal tenta reanimar a Arte, propondo a outros artistas que se unissem todos para a exaltar, mas sofreu enormes decepções e invejas que o empurraram para uma experiência monástica, primeiro na serra do Buçaco e depois, na Cartuxa.

Um amigo trouxe-o de volta ao convívio mundano, conseguindo que o Príncipe Regente o nomeasse seu primeiro Pintor da Câmara e Corte para dirigir e executar, juntamente com Francisco Vieira, a melhor parte das pinturas do novo Palácio de Nossa Senhora da Ajuda³.

Em 1807, Sequeira foi nomeado director da Aula de Desenho da Academia de Comércio e Marinha do Porto. Porém, o seu entusiasmo pelo esplendor napoleónico, consubstanciado num retrato que fez de Junot, valeu-lhe alguns meses de cárcere e a perda dos lugares públicos, logo que os franceses foram expulsos. Não se deixando abater pela desgraça, continua a pintar e produz

ainda obras notáveis, tais como os debuxos da baixela, destinada a ser oferecida a Wellington. Nesta época, Sequeira evidencia já as influências de Goya.

A derrota do Liberalismo, a que aderira com fervor, obrigou-o ao exílio, em Paris. Ali, recebeu, ainda, pela sua obra, uma medalha de ouro das mãos de Carlos X. De Paris seguiu para Roma onde não deixou de trabalhar, enquanto a saúde lho permitiu.

Como gravador, foi ele que executou as primeiras litografias em Portugal, ainda de técnica pobre, em confronto com as de altíssima qualidade que produz em Paris.

Pamplona lembra Sequeira como “o grande pintor que tantas e tão variadas influências sofreu, desde as dos Venezianos e dos Ingleses até às de Goya e de Rembrandt, e que, todavia, tão profundamente original se mostrou sempre, porque soube assimilar essas influências, amalgamá-las no cadinho da sua forte personalidade”⁴.

1 SOARES, Ernesto – *Livro da matrícula dos discípulos ordinários da Aula Pública de Desenho a qual principiou a ter exercício no 1º de Dezembro do ano de 1781*, p. 64.

2 COSTA, Luís Xavier da – *A obra litográfica de Domingos António de Sequeira. Separata de Arqueologia e História*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, vol. IV, 1925, pp. 39/40.

3 MACHADO, Cirilo Volkmar – *Colecção de Memórias, relativas às vidas dos Pintores, e Escultores, Architectos, e Gravadores Portuguezes, e dos estrangeiros, que estiverão em Portugal, recolhidas e ordenadas*. Lisboa: Imprensa de Vitorino da Silva, 1823, nota 8, p. 150.

4 PAMPLONA, Fernando de – *Dicionário de Pintores e Escultores Portugueses*. 4ª edição. Lisboa: Livraria Civilização Editora, 1954-1959, nota 5, vol. V, p. 172.